

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

**Poemas
Literatura
Brasileira**

Quinhentismo

Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo qui por teu pecado.

-Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

-Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado.

-Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

-Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal
me fez o teu pecado.

Barroco - 1601

Gregório de Matos Guerra

Todo

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

Arcadismo - 1768

Manoel Maria du Bocage

Se é Doce

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce
no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores Dentre os
aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que
esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos
olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que
a vida.

Romantismo - 1836

Fernando Pessoa

O amor romântico é como um traje, que, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e, em breve, sob a veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em que o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão. Só o não é quando a desilusão, aceite desde o princípio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas oficinas da alma, novos trajes, com que constantemente se renove o aspecto da criatura, por eles vestida.

Realismos - 1881

Fernando Pessoa

AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor. Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente. E os
que lêem o que escreve, Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas da roda Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda Que se chama o coração.

Naturalismo - 1881

Álvares de Azevedo

Amor

Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer
e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma,
em teus encantos E na tua palidez E nos teus
ardentes prantos Suspirar de languidez! Quero em
teus lábio beber Os teus amores do céu, Quero em teu
seio morrer No enlevo do seio teu! Quero viver
d'esperança, Quero tremer e sentir! Na tua cheirosa
trança Quero sonhar e dormir! Vem, anjo, minha
donzela, Minha'alma, meu coração! Que noite, que
noite bela! Como é doce a viração! E entre os suspiros
do vento Da noite ao mole frescor, Quero viver um
momento, Morrer contigo de amor!

Parnasianismo - 1881

Olavo Bilac

A velhice

O neto: Vovó, por que não tem dentes? Por que anda rezando só. E treme, como os doentes Quando têm febre, vovó? Por que é branco o seu cabelo? Por que se apóia a um bordão? Vovó, porque, como o gelo, É tão fria a sua mão? Por que é tão triste o seu rosto? Tão trêmula a sua voz? Vovó, qual é seu desgosto? Por que não ri como nós?

A Avó: Meu neto, que és meu encanto, Tu acabas de nascer... E eu, tenho vivido tanto Que estou farta de viver! Os anos, que vão passando, Vão nos matando sem dó: Só tu consegues, falando, Dar-me alegria, tu só! O teu sorriso, criança, Cai sobre os martírios meus, Como um clarão de esperança, Como uma benção de Deus!

Simbolismo - 1893

Cruz e Sousa

O Horror dos Vivos

Ao menos junto dos mortos pode a gente Crer e esperar n'alguma suavidade: Crer no doce consolo da saudade E esperar do descanso eternamente. Junto aos mortos, por certo, a fé ardente Não perde a sua viva claridade; Cantam as aves do céu na intimidade Do coração o mais indiferente. Os mortos dão-nos paz imensa à vida, Não a lembrança vaga, indefinida Dos seus feitos gentis, nobres, altivos. Nas lutas vãs do tenebroso mundo Os mortos são ainda o bem profundo Que nos faz esquecer o horror dos vivos.

Pré- Modernismo - 1902

Manuel Bandeira

ARTE DE AMAR

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma. A alma é que estraga o amor. Só em Deus ela pode encontrar satisfação. Não noutra alma. Só em Deus - ou fora do mundo. As almas são incomunicáveis. Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo. Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

Modernismo -1922

Moça Linda Bem Tratada

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,

Burra como uma porta: Um amor.

Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo,

Burro como uma porta: Um coió.

Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros

Burra como uma porta: Paciência...

Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto

Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.